

O planeta ultrapassou sete das oito condições limites para garantir bem-estar e justiça à vida humana, mostra relatório elaborado por mais de 50 cientistas. Segundo o documento, o homem é o principal responsável pelo cenário crítico

Terra cada vez mais insegura

» PALOMA OLIVETO

A Terra já não é um lugar seguro para a humanidade. Devido à própria ação do homem, importantes limites para o bem-estar foram ultrapassados, colocando em risco a vida de bilhões de pessoas ao redor do globo. Em um artigo publicado na revista *Nature*, uma equipe internacional com mais de 50 cientistas de diversas instituições alertam que, sem uma mudança drástica na forma como se lida com os recursos naturais, para muitas pessoas, o planeta já é um cenário dantesco, com fome, seca, migrações forçadas por falta de recursos e calor acima do suportável.

Para chegar a essa conclusão, os pesquisadores de ciências naturais e sociais avaliaram, pela primeira vez, como o mundo avança em relação a cinco aspectos considerados essenciais para o funcionamento do planeta e o consequente bem-estar de seus habitantes. São eles: clima, biodiversidade, água doce, ciclo de nutrientes e diversos poluentes. Os autores definiram oito fronteiras, dentro dessas classificações, que ao serem ultrapassadas, colocam a Terra em risco. E, então, calcularam para onde a humanidade está se encaminhando.

Por exemplo, as atividades humanas estão alterando os fluxos de água, quantidades excessivas de nutrientes são liberados nos cursos d'água com o uso de fertilizantes e áreas naturais são prejudicadas. "Isso representa ameaças existenciais para um planeta estável, para os ecossistemas e suas contribuições vitais para as pessoas", diz o artigo.

A não ser pela recuperação da camada de ozônio, as demais fronteiras foram cruzadas, mostra o estudo. Um exemplo é o fato de dezenas de milhões de pessoas

já serem prejudicadas pelo nível atual das mudanças climáticas, pois o mundo ultrapassou o limite considerado justo e seguro de 1 grau acima dos níveis pré-industriais.

Dignidade

Embora pesquisas anteriores tenham avaliado os limites seguros desses processos, esta é a primeira a incorporar a justiça na análise científica. Os especialistas adicionaram esse conceito, identificando até onde os humanos têm acesso a recursos que garantam uma vida digna e como a falta disso coloca populações inteiras em uma posição injusta, como aquelas que precisam migrar devido aos impactos das mudanças climáticas.

"A justiça é uma necessidade para a humanidade viver dentro dos limites planetários. Essa é uma conclusão vista em toda a comunidade científica em várias avaliações ambientais de peso. Não é uma escolha política", comentou, em coletiva de imprensa on-line, Joyeeta Gupta, professora de meio ambiente e desenvolvimento na South University de Amsterdã, na Holanda.

"Os resultados do nosso 'exame de saúde' (do planeta) são bastante preocupantes: dentro dos cinco domínios analisados, vários limites, em escala global e local, já foram transgredidos", alertou Johan Rockström, líder do projeto e diretor do Instituto de Pesquisas sobre Impactos Climáticos de Potsdam. "Isso significa que, a menos que ocorra uma transformação oportuna, é mais provável que pontos de inflexão irreversíveis e impactos generalizados no bem-estar humano sejam inevitáveis. Evitar esse cenário é crucial se quisermos garantir um futuro seguro e justo para as gerações atuais e futuras."

ZINYANGE AUNTONY



Escassez de água e mudança no curso dos rios estão entre as ameaças "existenciais para um planeta estável"

Palavra de especialista

Transformação deve ser sistêmica

"É uma pesquisa significativa, que tenta fornecer um exame integrado dos limites de oito dos sistemas ecológicos do mundo. Portanto, dá um retrato da sustentabilidade do nosso planeta muito além de apenas olhar para as mudanças climáticas. Além disso, o estudo foca não apenas nos limites técnicos (ou seguros), mas também estima limites que são justos. Por exemplo, ainda estamos,

mas apenas marginalmente, dentro do limite seguro para as mudanças climáticas (+1,5°C), enquanto o limite justo é excedido regularmente porque, mesmo a pouco mais de 1°C, muitos milhões de pessoas mais pobres sofrem com condições de ondas de calor induzidas, muitas vezes, em países que contribuem pouco para a mudança climática. Os aerossóis são um exemplo em que tanto o limite

seguro quanto o justo foram excedidos, e é claro que não há caminho fácil de volta. Deve haver uma transformação global sistêmica nos setores de energia, alimentação, urbano e outros que aborde a mudança econômica, técnica e política, garantindo o acesso dos pobres ao reduzir o uso e a redistribuição de recursos."

Kevin Parton, professor emérito do Instituto para Terra, Água e Sociedade da Universidade Charles Sturt, na Austrália

Medidas

Para os autores, o cenário também sinaliza a "necessidade urgente de liderança global, tomada de decisão rápida e transformação em direção a um espaço seguro e justo". "Transformar nossas economias para operar dentro dos limites do planeta oferece enormes oportunidades para os líderes

empresariais ficarem à frente do escrutínio regulatório, atender às expectativas de uma base de consumidores e partes interessadas cada vez mais conscientes e proteger as comunidades", defendem, no estudo.

O momento não poderia ser mais propício e urgente, disseram os autores. Recentemente, o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas da ONU

(IPCC) salientou que o 1% mais rico da população mundial é responsável pelo dobro das emissões de CO2 dos 50% mais pobres. "As mudanças climáticas aumentaram a desigualdade e vão continuar a fazê-lo sem ações. Essa ciência equipará os líderes para construir justiça e bem-estar em suas decisões sobre sustentabilidade", diz o artigo.

NASA/J. Yungel



A Thwaites tem menos rocha sedimentar do que o esperado: impacto no degelo

CORONAVÍRUS

Covid longa acomete 18% dos não vacinados por dois anos

Cerca de um em cada seis indivíduos não vacinados para covid-19 dizem que ainda sofrem os efeitos da doença até dois anos após a infecção, segundo um estudo da Suíça publicado na revista *The British Medical Journal*. Os resultados mostram que 17% dos participantes não retornaram à saúde normal e 18% relataram sintomas associados ao Sars-CoV-2 24 meses após o contágio inicial.

A maioria das pessoas que têm covid-19 se recupera logo após a fase inicial da doença, mas outras apresentam problemas de saúde persistentes, que podem impactar na qualidade de vida e na capacidade para o trabalho. Estudos

anteriores sobre resultados de longo prazo após a infecção relataram uma ampla gama de estimativas (22% a 75% em 12 a 24 meses), impedindo os pesquisadores de tirar conclusões firmes sobre tratamento e suporte a longo prazo.

Para abordar parte dessa incerteza, a equipe britânica analisou os padrões de recuperação e persistência dos sintomas ao longo de dois anos em adultos do Zurich SARS-CoV-2 Cohort, um estudo em andamento de indivíduos com infecção confirmada. As descobertas são baseadas em 1.106 adultos não vacinados (idade média de 50 anos) cuja fase aguda da doença foi entre 6 de agosto de 2020 e

ALEJANDRO PAGNI



Falta de olfato e paladar foi um dos sintomas mais relatados pelos participantes

19 de janeiro de 2021. Para comparação, foram considerados 628 adultos (idade média de 65 anos), selecionados aleatoriamente da população em geral, que não foram infectados.

Os participantes forneceram

informações sobre 23 possíveis sintomas de covid longa seis, 12, 18 e 24 meses após a infecção. Outros fatores potencialmente influentes, incluindo idade, sexo, educação, emprego e problemas de saúde preexistentes, também

foram levados em consideração. No geral, 55% relataram retornar ao estado de saúde normal menos de um mês após a infecção e 18% disseram que a recuperação ocorreu dentro de um a três meses. Aos seis meses, 23% ainda não haviam se recuperado, reduzindo para 19% aos 12 meses e 17% aos 24 meses.

Comparadas com pessoas que não tiveram infecção, as com covid-19 apresentaram riscos excessivos para problemas físicos, como paladar ou olfato alterados (9,8%), mal-estar após esforço (9,4%) e falta de ar (7,8%), e de saúde mental, como concentração reduzida (8,3%) e ansiedade (4%) no sexto mês. "Problemas de saúde persistentes criam desafios significativos para os indivíduos afetados e representam um fardo importante para a saúde da população e para os serviços de saúde", escrevem os autores.